

ESTUDOS FUNENSEG

**OS MERCADOS DE SEGURO E DE
CAPITALIZAÇÃO NO BRASIL:
o resgate da história**

Claudio R. Contador *

Clarisse B. Ferraz **

Abril de 2003



* Secretário Executivo da Fundação Escola Nacional de Seguros, Economista, Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ph.D. em Economia. claudiocontador@funenseg.org.br

** Assessora da Fundação Escola Nacional de Seguros, Engenheira, Analista de Sistemas, Programa de Doutorado da Universidade Federal Fluminense. clarisse@funenseg.org.br

ESTUDOS FUNENSEG

FUNENSEG – Fundação Escola Nacional de Seguros

Presidente

João Elísio Ferraz de Campos

Vice-Presidente

Armando Vergílio dos Santos Júnior

Secretário Executivo

Claudio R. Contador

Superintendente Administrativo-Financeiro

Ismael de Castro Sundin

Superintendente de Tecnologia Educacional

Silvia Klein

Conselho Deliberativo

João Elísio Ferraz de Campos (Presidente)

Armando Vergílio dos Santos Júnior

Demóstenes Madureira de P. Filho

Helio Oliveira Portocarrero de Castro

Conselho Fiscal

Vera Melo Araújo

Cláudio Simão

Samuel Ramos de Aguiar

Carlos Maurício de Andrade Junior

(suplente)

Ricardo Faria Garrido (suplente)

Vânia Malamace de Azevedo Barros

(suplente)

Matriz

Rua Senador Dantas, 74

Térreo, 2ª sbl., 3º e 4º and. - Centro

Rio de Janeiro - 20031-201

Tel.: (21) 3132-1022 / Fax: (21) 2524-6715

www.funenseg.org.br

info@funenseg.org.br

Av. Franklin Roosevelt, 39 - sobreloja - Castelo

Rio de Janeiro - CEP: 20021-120

Telefax: (21) 3132-1111

Central de Atendimento: **0800-25-3322**

Fax: (21) 2524-5274

atendimento0800@funenseg.org.br

Núcleos Regionais

Bahia

Tel.: (71) 341-2688 - Fax: (71) 341-2699

nucleoba@ba.funenseg.org.br

Distrito Federal

Telefax.: (61) 323-7032 / 321-4718

nucleodf@df.funenseg.org.br

Paraná

Tel.: (41) 264-9614 / 263-3106

Fax: (41) 262-0305

nucleopr@pr.funenseg.org.br

Pernambuco

Telefax: (81) 3423-1134 / 6653 / 4571

nucleope@pe.funenseg.org.br

Rio Grande do Sul

Telefax: (51) 3224-6661 / 1965 / 5267

nucleors@rs.funenseg.org.br

Santa Catarina

Telefax: (47) 326-7105 / 5203

nucleosc@sc.funenseg.org.br

São Paulo

Tel.: (11) 3105-3140 / 3149 / 0482 / 7869

Fax: (11) 3106-5175

nucleosp@sp.funenseg.org.br

Apoios Regionais

Campinas

Telefax.: (19) 3272-6142 / 6897 / 9593

apoiocampinas@sp.funenseg.org.br

Goiânia

Tel.: (62) 215-5690 / Fax: (62) 214-1270

apoiogoiias@df.funenseg.org.br

Ribeirão Preto

Telefax: (16) 620-2200 / 2288

apoiorbpreto@sp.funenseg.org.br

Santos

Tel.: (13) 3289-9852 - Fax: (13) 3284-9234

apoiosantos@sp.funenseg.org.br

São José do Rio Preto

Tel.: (17) 222-6515 - Fax: (17) 222-6835

apoiosjriopreto@sp.funenseg.org.br

Série destinada à publicação de trabalhos e pesquisas de profissionais das áreas de seguro, resseguro, previdência privada complementar e capitalização. É distribuída gratuitamente com exclusividade em seminários, palestras, fóruns e workshops realizados pela Funenseg e por instituições do Mercado de Seguros. Os textos podem ser impressos (em formato pdf) no site da Funenseg (www.funenseg.org.br), *link* "publicações/livros técnicos".

Caso haja interesse em adquirir os números da série no formato original, entrar em contato com o setor de Vendas da Funenseg ou com a Secretaria da Escola: Rua Senador Dantas, 74/Térreo – Centro – Rio de Janeiro – RJ (Tel.: (21) 3132-1096 – e-mail: vendas@funenseg.org.br).

Para publicação na série, os textos devem ser encaminhados, para avaliação, para o Secretário Executivo da Funenseg, Claudio R. Contador. Enviar duas cópias: uma por e-mail para claudiocontador@funenseg.org.br, mencionando no *assunto* "Estudos Funenseg – Trabalho para Avaliação"; e outra impressa para a Secretaria Executiva da Funenseg (Rua Senador Dantas, 74/3º andar – Centro – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20031-205), identificando no envelope "Estudos Funenseg". Incluir nas duas cópias um resumo em português e em inglês do trabalho. As referências bibliográficas devem ser incluídas no final do texto. Enviar também um breve currículo profissional, e-mail e telefone para contato.

Coordenação

Claudio R. Contador

claudiocontador@funenseg.org.br

Editor

Antonio Carlos Teixeira

antonio@funenseg.org.br

Capa, Programação Visual e Diagramação

Hercules Rabello

hercules@funenseg.org.br

Marketing

Fabiane Rocha

marketing@funenseg.org.br

Revisão

Ângela Beatriz de Carvalho Faria

Tiragem: 100 exemplares

Uma publicação da Assessoria Geral de Comunicação, Marketing e Publicações da Funenseg / Gerência de Publicações
publicacao@funenseg.org.br

O trabalho publicado nesta edição é de responsabilidade do autor e não reflete, necessariamente, a opinião da Funenseg.

Permitida a citação, total ou parcial, do texto publicado nesta edição, desde que identificada a fonte.

Virginia L. P. de S. Thomé

Bibliotecária Responsável pela elaboração da ficha catalográfica

C776m Contador, Claudio R.

Os mercados de seguro e de capitalização: o resgate da história / Claudio R. Contador, Clarisse B. Ferraz ; Coordenação Claudio R. Contador. – Rio de Janeiro : FUNENSEG, 2002.

38 p. ; 28 cm. – (Estudos Funenseg, v.1, n. 6)

1. Seguro – Brasil. 2. Capitalização – Brasil. I. Contador, Claudio R., coord. II. Ferraz, Clarisse B. III. Título. IV. Série.

02-0358

CDU 368 (81)

Sumário

Resumo	5
Summary	7
Introdução	11
As Fases do Registro Estatístico	13
<i>O Mercado de Seguros</i>	13
<i>O Mercado de Títulos de Capitalização</i>	15
Resumo da História Quantificada	16
Conclusões	23
Bibliografia	25
Anexo 1	27
Anexo 2	29
Anexo 3	31
Anexo 4a	33
Anexo 4b	35

Este relatório reproduz os resultados de uma pesquisa voltada para a recuperação das séries históricas do mercado de seguro e de títulos de capitalização, no Brasil, a partir do início do Século XX. Neste sentido, é uma apresentação ampliada de um trabalho anterior, realizado em 1999. O relatório explora as estatísticas, com uma análise de ciclos e de relacionamento dos dois mercados com o ambiente macroeconômico. O banco de dados históricos está disponível em formato de planilha Excel mediante solicitação direta à FUNENSEG.

Summary

This report has two objectives. First it attempts to restore the historical data of Brazilian insurance market since 1905 and of capitalization of private bonds (“títulos de capitalização”) since 1935. The second objective is to test the historical data relating them to macroeconomic variables, such as GDP and population. The main conclusion is that the insurance and the capitalization markets have different cyclical behavior and response to macroeconomic factors. The annual data is in Excel files and can be provided by e-mail request.

OS MERCADOS DE SEGURO E DE *

CAPITALIZAÇÃO NO BRASIL:

o resgate da história

* VERSÃO CONDENSADA, REVISTA E ATUALIZADA DE DOIS TRABALHOS ANTERIORES DOS AUTORES: “UMA CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO SEGURO NO BRASIL”, RELATÓRIO SILCON RS041, OUTUBRO DE 1999; E “MERCADO DE CAPITALIZAÇÃO: O RESGATE DA HISTÓRIA E OS CENÁRIOS FUTUROS”, RELATÓRIO SILCON RS042, NOVEMBRO DE 1999. A PESQUISA DE DADOS CONTOU COM O AUXÍLIO DA EQUIPE DA BIBLIOTECA DE SEGUROS RODRIGO MÉDICIS, DO IRB-BRASIL RESSEGUROS, E DE VIRGÍNIA THOMÉ, DA BIBLIOTECA DA FUNENSEG. OS DADOS ATÉ 1998 FORAM COLETADOS EM 1998-99 PELA EMPRESA DE CONSULTORIA SILCON ESTUDOS ECONÔMICOS. A PARTIR DE 2001, A CONTINUAÇÃO DA PESQUISA ESTÁ SENDO FEITA PELA EQUIPE DE DADOS DA FUNENSEG. O APOIO DE JOEL GOMES DA SILVA JÚNIOR, DA DIRETORIA TÉCNICA DA FENASEG – FEDERAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS DE SEGUROS PRIVADOS E DE CAPITALIZAÇÃO NA OBTENÇÃO DOS DADOS MAIS RECENTES FOI FUNDAMENTAL. OS AUTORES AGRADECEM A PAULO RIBEIRO PELOS SEUS COMENTÁRIOS E RECOMENDAÇÃO DE TEXTOS QUE PERMITIRAM MELHORAR SUBSTANCIALMENTE O TEXTO. AINDA ASSIM, OS AUTORES SÃO OS ÚNICOS RESPONSÁVEIS PELOS ERROS EVENTUAIS.

"Para ver o teu futuro, olha para o teu passado."

Ditado bíblico

INTRODUÇÃO

A história do seguro pode ser dividida em três grandes fases, a partir da vinda de D. João VI para o Brasil. Em 1808, na abertura da economia ao comércio exterior, foi criada na Bahia a Cia de Seguros Boa-Fé, por solicitação dos comerciantes locais,¹ e em seguida as seguradoras Conceito Público e a Indenidade, obedecendo às Regulações da Casa de Seguros de Lisboa (Alvará de 11 de agosto de 1791). Não são conhecidos registros estatísticos de operações de seguros neste período. Com o advento da independência, surge a Sociedade de Seguros Mútuos Brasileiros, centrada ainda nos seguros marítimos, em 1828. Em 1850, com a promulgação do Código Comercial, é feita a regulamentação do seguro marítimo e os demais ramos dão passos tímidos. A partir de então, diversas seguradoras são criadas: Nova Permanente; Recuperadora; Fidelidade, Cia de Seguros Mútuos contra o Fogo; Previdência; Interesse Público; Utilidade Pública; Indenizadora; Tranqüilidade (que operava com seguro de vida de pessoas livres e de escravos); Cia de Seguros Marítimos e Terrestres; Seguridade; Feliz Lembrança, Cia de Seguros Mútuos sobre a Vida de Escravos; Argos Fluminense; Esperança etc. Também não são disponíveis estatísticas deste período. Em 1860, a regulação (Decretos 2679, de 2/11/1860, e 2711, de 19/12/1860) estabelece a obrigatoriedade da divulgação de balanços, e para este período já é possível, pelo menos por hipótese, traçar a história do seguro. Inúmeras seguradoras estrangeiras são implantadas no Brasil, principalmente de capital inglês: *Liverpool and London & Globe Insurance Co.*; *Northern Assurance Co. Ltd.*; *The Commercial Union Assurance Co.*; *North British and Mercantile Insurance Co.*; *The Royal Insurance Co. Ltd.*; *The Phoenix Assurance Co. Ltd.*, etc. Muitas destas empresas ainda operam no Brasil. Em 1895, o Decreto 2153 estabelece regras de regulação e fiscalização das operações de seguro.

Como consequência do marco regulatório, a *New York Life Insurance Co.* suspende suas operações no Brasil e se transforma na Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida, atual Sul América Seguros.

Com a República, o seguro dá um grande salto, com o Decreto 4270, de 10/12/1901, conhecido como Regulamento Murtinho. Criava ainda a Superintendência Geral dos Seguros. Para este período já é possível levantar estatísticas parciais, embora com qualidade suspeita por não compreender a totalidade do mercado.

Entre 1910 e 1915, proliferam as caixas de pensões e sociedades mútuas de pecúlio, com triste resultado de iludir os participantes e segurados. A onda de falcatruas prejudica a disseminação do seguro no Brasil. Novos decretos regularam as operações do seguro, inibindo a repetição destas fraudes.

¹ SANTOS, Amílcar. **Seguro**: doutrina, legislação e jurisprudência. Rio de Janeiro: Distribuidora Record Editora, 1959. p. 22-28.

Para fins desta pesquisa, foi possível resgatar a história quantificada do seguro desde 1905, com estatísticas contínuas em base anual. Não é uma simples compilação de dados, pois a pesquisa exigiu além da garimpagem das estatísticas, os cuidados com os efeitos da inflação, a freqüente troca de moeda, e a conversão dos valores nominais para uma unidade monetária comum. Ao longo do século XX, ocorreram três fatores inter-relacionados que dificultam a análise direta das estatísticas em valor e quebram a coerência temporal das séries. O primeiro fator – e a origem dos demais – a distorcer os registros estatísticos foi a inflação, instável e muitas vezes virulenta.² O segundo foi a mudança freqüente da unidade monetária: cerca de oito moedas diferentes no século findo.³ E o terceiro fator foi a implantação de planos de estabilização com quebra de contratos, tabelamentos de preços, tarifas, câmbio, juros etc, e o emprego de indexadores específicos (“tablitas”), que tornaram a inflação não neutra sob o ponto de vista contábil. Todos estes fatores distorcem os registros de valores ao longo da nossa história, não apenas do mercado de seguros, mas de praticamente todas as atividades.

Estes aspectos exigiram cuidado na produção de séries coerentes ao longo do tempo. Assim, os dados históricos copilados e organizados foram objeto de conversão, primeiro, para uma unidade monetária única – no caso o real R\$ – e em seguida deflacionados pelo Deflator Implícito das Contas Nacionais⁴, para a crítica das estatísticas. É possível remontar os números da história do seguro no Brasil ao final do século XIX, porém isto é deixado para outra ocasião.

Este relatório está dividido em três seções e anexos estatísticos. A seção II discute de forma resumida algumas mudanças importantes ocorridas nos mercados de seguro e de capitalização, que afetaram o levantamento e arquivo das estatísticas. Em seguida, a seção III analisa em linhas gerais o comportamento histórico dos dois mercados. A seção IV conclui o texto. As séries históricas são reproduzidas no anexo.⁵

² De 1905 até 2001, a inflação atingiu a taxa acumulada de 1,16E+18% (ou seja, o número 116 seguido de outros dezesseis algarismos!) e média anual de 47%, segundo o Deflator Implícito das Contas Nacionais. A inflação violenta marca a nossa história e a qualidade das nossas estatísticas nos períodos de crescimento mais agudo nos preços. Pelo índice de preços IGP/DI da Fundação Getúlio Vargas, entre abril de 1964 e maio de 1994 – ou seja desde a implantação do regime militar até o Plano Real - a taxa acumulada de inflação atingiu 787,7 trilhões por cento. Em três décadas, a inflação média anual foi de 168%, e a mensal, 8,6%. Apenas nos cinco anos da Administração Sarney, a inflação acumulada alcançou 2,3 milhões por cento, com média anual de 648%. A curta gestão do Presidente Itamar foi ainda mais pródiga, nos brindando com uma inflação anual média acima de 3.000%, e mensal de 33,3%.

³ De 1929 até o Plano Real ocorreram oito trocas de unidade monetária: até agosto de 1942, vigorou o real \$; o cruzeiro Cr\$, de 1942 a fevereiro de 1967; o cruzeiro novo NCr\$, de 1967 a maio de 1970; novamente o cruzeiro Cr\$, de 1970 a fevereiro de 1986; o cruzado Cz\$, de 1986 a janeiro de 1989; o cruzado novo NCz\$, de 1989 a março de 1990; o cruzeiro Cr\$, de 1990 a julho de 1993; o cruzeiro real CR\$, de 1993 a junho de 1994; e finalmente o real R\$. Em algumas mudanças de moeda, ocorreram cortes de zeros, e no Plano Real, a unidade monetária sofreu a conversão por um escalar (2750).

⁴ Os dados do Deflator Implícito são disponíveis a nível oficial desde 1947, com os levantamentos das Contas Nacionais pela Fundação Getúlio Vargas e pelo IBGE. Para períodos anteriores, diversos autores apresentaram estimativas, sendo as mais aceitas as de GOLDSMITH, Raymond. **Brasil 1850-1984: desenvolvimento financeiro sob um século de inflação**. São Paulo: Harper & Row, 1986, que remontam a 1850, revistas em CONTADOR, Claudio R. **Crescimento econômico e inflação: uma quantificação da história brasileira**. Rio de Janeiro: 1984. (Relatório COPPEAD, 75).

⁵ As estatísticas mencionadas neste relatório estão disponíveis em formato Excel e podem ser solicitadas pelo e-mail clarisse@funenseg.org.br ou pelo *site* da FUNENSEG (www.funenseg.org.br).

AS FASES DO REGISTRO ESTATÍSTICO

O Mercado de Seguros

O início do levantamento organizado das estatísticas do mercado de seguro data de 1939, com a criação do IRB (Instituto de Resseguros do Brasil), pelo Decreto-Lei 1186⁶. Existem registros anteriores, alguns – esparsos – desde o final do século XIX⁷, e de forma contínua pelo IRB, a partir de 1929, mas o interesse de registrar e manter o acervo de dados com coerência ao longo do tempo surge apenas com a criação do IRB em 1939. O cuidado de registro das estatísticas era necessário, como requisito do objetivo do IRB de regular o resseguro no Brasil e desenvolver as operações de seguros em geral (Artigo 3, Decreto-Lei 1.186, 03/04/1939). Para regular era preciso conhecer o mercado, e isto explica o trabalho cuidadoso dos técnicos do IRB, numa época em que as estatísticas econômicas eram pouco prezadas – em particular no Brasil – e sem o suporte de sistemas de computação.

A primeira fase de expansão do mercado brasileiro de seguros coincidiu com a fase de industrialização, no pós-guerra (1914-19). Os registros estatísticos deste período foram recuperados – desde 1929 – pelo IRB e publicados no Anuário de Seguros e na Revista do IRB. Graças a estes registros, a história do seguro no Brasil sobreviveu ao tempo. Num texto mais recente, localizamos estimativas para o coeficiente de penetração desde 1905⁸, que permitiram inferir os valores dos prêmios desde esta data, com omissão para os anos da Primeira Guerra Mundial. Como informação importante, até o final da década de 60, a estrutura de coleta e de consolidação de dados pelo IRB não diferia, em linhas gerais, da classificação adotada nos anos 40 e 50, o que garante a coerência das estatísticas ao longo do tempo por várias décadas.

No início dos anos 60, o mercado segurador brasileiro enfrentava os problemas causados pelo processo inflacionário inédito – aliás, menores do que os que viriam mais tarde nos anos 80. Todo o sistema de seguros, dos registros contábeis, dos contratos e das aplicações era baseado num modelo com baixa inflação, e os contratos não tinham a cláusula de correção monetária. Com a crescente inflação da primeira metade da década de 60, os valores dos contratos caíam em termos reais, o que gerava insatisfação e perda de patrimônio dos segurados. As companhias de seguro passaram a enfrentar os efeitos combinados da perda de clientes, desmonetização, encolhimento do mercado financeiro, e dificuldade de as seguradoras quantificarem as perdas com sinistros e os riscos futuros. Paralelamente, a desorganização política do início dos anos 60 afetou a qualidade da fiscalização, a regulação do mercado e a eficiência administrativa: como reflexo, o IRB chegou a ter onze presidentes nesta fase. Por falta de controle e de regras claras de operação num ambiente inflacionário, a confiança do consumidor no mercado de seguros foi severamente afetada.

⁶ O Artigo 46 estabelecia que os regulamentos das operações de seguro seriam revistos, o que foi feito pelo Decreto-Lei 2063, de março de 1940. É interessante notar que o Decreto-Lei 73, que criou a SUSEP e o CNSP, não revogou o Decreto-Lei 206, salvo em alguns poucos artigos. Ainda como ponto de destaque, o Decreto-Lei 73, Artigo 14, e o Decreto 60459, Artigo 21, autorizavam a aplicação de correção monetária nos contratos de seguro, o que só foi efetivamente implantada em 1987. Ver SANTOS, *op.cit.*

⁷ COSTA, Ricardo César Rocha da. *A atividade de seguros nas primeiras décadas da República*. In: ALBERTI, Verena, coord. **Entre a solidariedade e o risco** : história do seguro privado no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/Funenseg, 1998. Cap. 1. p. 23-80

⁸ CONSULTEC. **Macroconfiguração do seguro social e do seguro global no Brasil**. Rio de Janeiro: Consultec, 1993.

Em 1966 ocorre uma mudança importante com a criação da SUSEP (Decreto 73, novembro de 1966). A regulação e o novo modelo institucional para o mercado de seguro foram parte dos pilares das reformas do mercado financeiro em 1964-66. Foi necessário remontar todo o sistema de controle e fiscalização do mercado de seguros, destruído nos primeiros anos da década de 60. O controle estatístico estava prejudicado, mas o IRB ainda mantinha a coleta, a consolidação e a divulgação dos dados. Apesar dos avanços, uma séria distorção afetava o mercado de seguros: a ausência de correção monetária nos contratos, autorizada em 1966, mas não implantada. Contratos de seguro não indexados eram algo bizarro numa economia com indexação generalizada. Esta distorção seria corrigida apenas em 1987, duas décadas mais tarde.

Os anos 70 e 80 são marcados por uma seqüência de choques perversos na economia brasileira, que obviamente contaminam o mercado de seguro. Os choques do petróleo em 1973 e 1979, a crise financeira internacional de 1982, a perda de rumo político, e principalmente a mega-inflação quebram a qualidade dos registros estatísticos. Com a dificuldade de regular e controlar com base em registros imprecisos, o mercado de seguro sofre nova onda de desconfiança e descrédito. Os quadros técnicos da SUSEP são insuficientes para atender os objetivos da regulação.

Em 1985, a SUSEP passa por uma reestruturação técnico-administrativa, que lança as bases para o formato atual de registro de dados do setor de seguro no Brasil. A burocracia e a falta de recursos que dominaram a SUSEP foram gradualmente contornadas, o que permitiu melhorar a sua operacionalidade. Por outro lado, retorna o interesse em melhorar o conhecimento sobre o mercado segurador.

Entretanto, a inflação explosiva confunde os registros contábeis. A prática de expressar as estatísticas em dólares é difundida, nem sempre obedecendo aos mesmos critérios. Algumas empresas seguradoras adotam a taxa comercial de câmbio, outras pelo mercado paralelo, sem contar com as diferenças de cotações médias e de final de mês. Portanto, a consolidação dos dados do mercado deve ser considerada com reservas neste período, apenas indicativas do formato das flutuações de prêmios e provisões.

Nesta fase, a SUSEP inicia a informatização e o aperfeiçoamento da coleta de informações, e a divulgação dos dados agregados não confidenciais das seguradoras. É importante lembrar que a correção monetária de ativos e dos contratos só veio a ser imposta pela SUSEP em 1987 (Resolução CNSP 9, 26/05/1987), numa fase de inflação descontrolada e vinte e três anos após a implantação formal da indexação dos contratos no Brasil. Em princípio, a indexação permitiria maior clareza e coerência nas estatísticas,⁹ mas as séries históricas sofrem uma ruptura na sua qualidade devido à inflação, à indexação assimétrica, ao hábito de registrar valores em dólares, à freqüente troca de moeda e à ruptura de contratos com os planos heterodoxos. Mesmo o apoio crescente da informática não evitou a queda na qualidade dos dados no período 1987-1993.

⁹ A introdução da indexação no mercado de seguros é descrita por LEOPOLDI, Maria Antonieta P. *Os anos de incerteza: redemocratização, globalização financeira e desregulação do setor de seguros privados (1985-98)*. In ALBERTI, *Op. cit.* Cap. 5, p. 239-296

Passada a fase de mega-inflação, hoje não existem maiores obstáculos para a melhoria na qualidade dos registros estatísticos, o que de fato vem ocorrendo. A SUSEP adotou a transparência nas informações com a divulgação pública e gratuita das estatísticas. As seguradoras utilizam intensamente a informática e a computação, desenvolvendo sistemas de programas próprios desde os anos 60. Esta, aliás, é uma prática generalizada em todo o mercado financeiro brasileiro: uma intensa utilização da informática, com sistemas rápidos, modernos e flexíveis, superiores em vários aspectos aos existentes em países mais industrializados. O desenvolvimento de sistemas próprios gera, porém, o problema de compatibilizar a leitura dos registros, o que tende a dificultar o controle, inclusive pelas próprias empresas.

O Mercado de Títulos de Capitalização

Como registro histórico, o mercado de títulos de capitalização surgiu no Brasil em 1929, com a criação da Sulacap (Sul América Capitalização), na forma de uma caderneta de poupança programada¹⁰, bem anterior à institucionalização da indexação em 1964 e do grande crescimento das atuais cadernetas de poupança. Em 1933, as operações das companhias de capitalização foram regulamentadas através do Decreto 22.456. A partir daí, a demanda por esta aplicação financeira explodiu até o final dos anos 40, passando por uma fase de retração até 1963, seguida por nova expansão.

A criação das Companhias de Capitalização, como uma classe das chamadas Sociedades de Crédito Financeiro, foi uma resposta à necessidade de captar pequenas poupanças para o financiamento de projetos de infraestrutura, nos primórdios da industrialização no Brasil. Com a crise mundial de 1929-33, as nossas possibilidades de captação de investimentos externos ficaram praticamente nulas. Por outro lado, as fontes domésticas tradicionais eram limitadas, tanto para os projetos de infraestrutura como em projetos privados complementares. Era exigida uma nova estrutura financeira,¹¹ uma vez que as acanhadas instituições financeiras existentes estavam mais moldadas para atender às necessidades das atividades primárias-exportadoras, e pouco afeitas ao mecanismo de acumulação urbana-industrial que se avizinhava. O lançamento dos títulos de capitalização foi uma experiência engenhosa e bem sucedida de caráter nacionalista, com recursos internos. Foi uma saída ideológica para substituir os capitais externos, que (já desde aquela época!) se contraíam na ameaça de qualquer crise.¹² A necessidade de quantificar a geração de recursos para investimentos levou à etapa seguinte de registrar os fluxos de colocação dos títulos de capitalização. O fundamental para a recuperação quantificada da história dos títulos de capitalização é que a importância conferida pelo governo ao setor induziu o registro e controle dos dados estatísticos.¹³

¹⁰ SARMENTO, Carlos Eduardo. *Nacionalização e expansão: o mercado segurador brasileiro entre 1939 e 1963*. In: ALBERTI, *Op. Cit.* Cap. 3 p.133-203.

¹¹ LEVY, Maria Bárbara. **História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBMEC, 1977. p.406-407.

¹² Outros detalhes deste período histórico podem ser obtidos em CONTADOR, Claudio R. *O mercado de capitalização no Brasil: papel, desafios e futuro*, Conseguro. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE SEGUROS, RESSEGUROS, PREVIDÊNCIA PRIVADA E CAPITALIZAÇÃO. Rio de Janeiro: setembro de 2000.

¹³ Ainda como informação adicional, as companhias de capitalização nos idos dos anos 30 e início dos 40 eram mais ricas e maiores do que as companhias de seguro, embora parte importante do faturamento e das aplicações ficasse pouco visível nos registros oficiais. Ver LEVY, *Op. cit.*, p.385, 467.

As estatísticas oficiais para o mercado de títulos de capitalização estão disponíveis em diversas publicações do IRB de 1939¹⁴ até 1985, e no Boletim da SUSEP, a partir de 1993, com lapso de dados oficiais nos períodos 1976 a 1984 e de 1986 a 1992. Este último período sem informações consistentes correspondeu à fase de mega-inflação e de freqüente troca de unidade monetária. É possível que os dados originais existam no arquivo-morto das empresas. Não conseguimos localizá-los nas bibliotecas do IRB e da FUNENSEG.

A recuperação dos números históricos do mercado de capitalização envolveu duas etapas. Na primeira etapa foi feita a compilação das estatísticas anuais, no formato disponível. Em seguida, os dados foram convertidos para a unidade de conta R\$, ou seja, simulamos a seqüência de dados anuais como se o real fosse a moeda única em todo o período histórico desde 1939. A crítica dos dados foi feita da forma tradicional, através da análise da consistência ao longo do tempo das variáveis reais, corrigidas pelo Deflator Implícito. Não foram encontrados registros para 1986, e o critério adotado foi o de estimar os valores através de um modelo de regressão.¹⁵ O intervalo entre 1987 e 1992 exigiu também cuidado adicional, e para isto utilizamos uma amostra não aleatória de empresas de capitalização, (supostamente) representativas do comportamento geral do período.¹⁶ As séries históricas resultantes estão disponíveis no anexo, junto com os dados do mercado de seguro.

RESUMO DA HISTÓRIA QUANTIFICADA

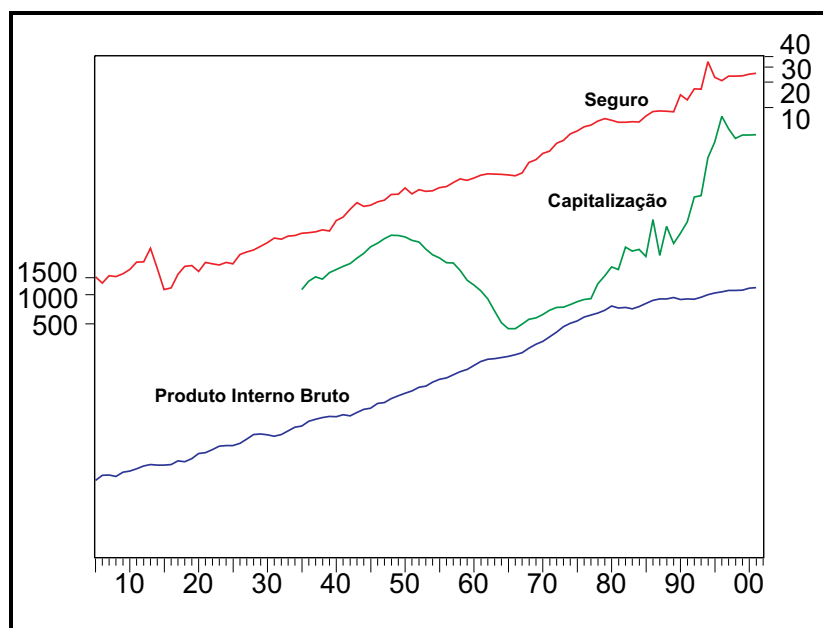
O resumo visual da história dos dois mercados é apresentado numa seqüência de gráficos, onde os valores estão expressos em R\$ bilhões a preços de 2001, segundo o Deflator Implícito das Contas Nacionais. A Figura 1 abaixo reproduz a evolução do prêmio total do seguro e dos títulos de capitalização, na escala direita, expressos em R\$ bilhões de 2001, junto com o Produto Interno Bruto, na escala esquerda, na mesma dimensão. As Tabelas 1 e 2 comparam as estatísticas em datas escolhidas.

¹⁴ Os registros disponíveis para os anos 40 compreendem apenas parte do mercado. Portanto, as receitas de capitalização estão subestimadas, em montante desconhecido.

¹⁵ As variáveis "receita total" e "provisões técnicas em termos reais" foram explicadas por uma regressão com o PIB real, inflação e um componente autoregressivo, com dados de 1939 a 1975. Em seguida, o modelo foi utilizado para projetar o período 1976-1984.

¹⁶ Agradecemos o apoio de Joel Gomes da Silva Júnior, da FENASEG – Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização –, pelo fornecimento de dados para o mercado de títulos de capitalização no período 1993-1996.

Figura 1 - Crescimento Econômico e os Mercados de Seguros e de Capitalização



Em princípio, as tendências das séries de PIB real e do prêmio total de seguro são similares, enquanto a receita real da capitalização ostenta oscilações e tendência menos definida. Extraíndo os ciclos das séries, nem sempre o faturamento real acompanha ou está relacionado com os ciclos macroeconômicos. A Figura 2 seguinte reproduz os ciclos do seguro e da capitalização, com as áreas sombreadas representando as fases de recessão macroeconômica mais importantes.¹⁷

Tabela 1 – Mercados de Seguro e de Títulos de Capitalização
Valores em R\$ milhões de 2001^a

Ano	Seguro			Capitalização	
	Prêmios	Sinistros Retidos	Reservas Técnicas	Receita	Reservas Técnicas
1905	99
1910	132
1920	153
1930	335	113
1935	432	86	...	93,9	167,3
1940	617	214	974	162,4	483,8
1950	1409	411	1742	371,7	983,1
1960	1774	635	1359	97,1	354,1
1970	3433	1483	1656	43,2	494,0
1975	7919	3274	2199	76,7	119,4
1980	10294	3574	3462	191,0	240,4
1985	10351	4039	3925	229,1	378,4
1990	15877	6672	9564	492,8	670,5
1995	24636	11811	8414	4223	3139
2000	25564	14819	20740	4883	6159
2001	25328	13814	22458	4765	6315

Fonte : Anexos.

^a Segundo o Deflator Implícito das Contas Nacionais.

¹⁷ Foram reproduzidas apenas as fases cíclicas mais longas ou intensas, com recessões identificadas em 1929-32; 1938-42; 1948-53; 1959-67; 1980-83; e 1988-92. Cada uma destas fases tem correspondência com fatos históricos importantes na época. O processo de identificação dos ciclos utilizou o critério de ciclo revisado. Para uma discussão da metodologia de identificação de ciclos consulte CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. **Previsão com indicadores antecedentes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Silcon, 2000.

Tabela 2 – Coeficientes dos Mercados de Seguro e de Capitalização

Ano	Seguro			Capitalização		
	Penetração, % PIB	Densidade, R\$ 2001	Taxa média, % ^a	Penetração, % PIB	Densidade, R\$ 2001	Taxa média, % ^a
1905	0,8	4,9
1910	0,9	5,6	5,9
1920	0,7	5,0	1,5
1930	0,9	9,4	8,2
1935	1,0	11,4	5,2	0,21	4,41	...
1940	1,1	15,0	7,4	0,29	11,7	11,6
1950	1,5	27,1	8,6	0,38	18,6	8,6
1960	0,9	25,4	2,3	0,05	4,97	-12,6
1970	1,0	37,0	6,8	0,01	0,53	-7,8
1975	1,5	75,1	18,2	0,01	1,13	12,2
1980	1,3	84,6	5,4	0,02	1,97	20,0
1985	1,3	76,6	0,1	0,03	2,80	3,7
1990	1,8	107,6	8,9	0,05	4,50	16,6
1995	2,4	154,9	9,2	0,04	19,7	53,7
2000	2,2	150,2	0,7	0,42	36,2	2,9
2001	2,1	146,9	0,9	0,40	36,6	-2,4

^a Taxa média de crescimento real do prêmio ou da receita em relação a data anterior.

Figura 2 – Os Ciclos no Mercado de Seguro e de Capitalização

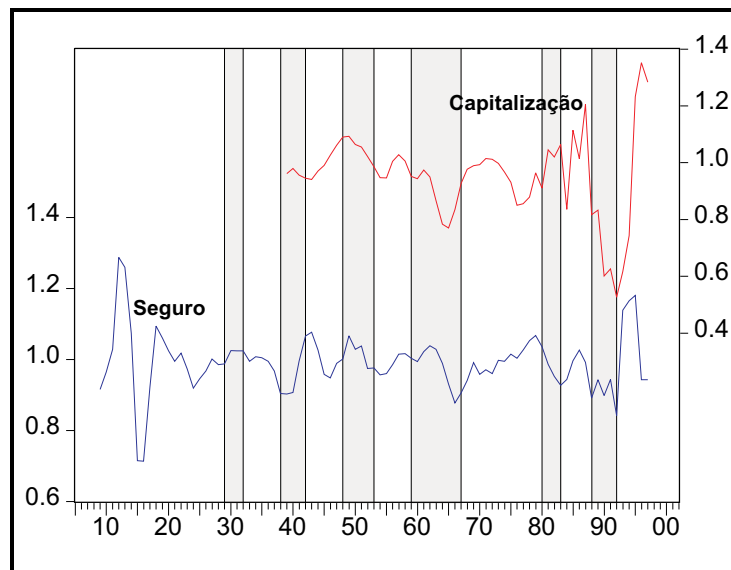


Tabela 3 – Decomposição dos Prêmios Reais em Ciclos em Percentuais da Variância Total

Ciclos, em anos	Produto Interno Bruto 1905-2001		Prêmios de seguro 1905-2001		Receita Capitalização 1935-2001	
	Nível ^a	Varição ^b	Nível ^a	Varição ^b	Nível ^a	Varição ^b
Maior que 10	98,4	21,6	76,9	11,4	97,3	23,5
De 5 a 10	1,0	25,2	11,2	11,7	0,6	14,6
De 3 a 5	0,2	20,1	5,64	33,4	0,9	12,0
Menor que 3	0,4	33,1	6,26	43,5	1,3	49,9
Variância	3,3797	24,8534	3,1693	352,7383	2,1629	180,9250

^a Série em logs. ^b Decomposição com a taxa de variação anual.

A cronologia dos ciclos é bem específica e distinta entre os dois mercados, que, por sua vez, diferem dos ciclos macroeconômicos. Como mostra a Tabela 3, quase metade da variância das flutuações do faturamento da capitalização é explicada por ciclos menores do que três anos e 77% das flutuações do seguro estão concentradas em ciclos menores de cinco anos. Por sua vez, as flutuações no PIB real estão mais bem distribuídas em termos de frequência.¹⁸

Explorando a relação estatística entre os dois mercados e a atividade macroeconômica, o faturamento de prêmios de seguro é sensível à renda real da economia, com elasticidade-renda igual a 1,17 no longo prazo, e de 0,46, no curto prazo, considerando as flutuações cíclicas,¹⁹ enquanto o mercado de capitalização apresenta elasticidades-renda bem menores. Assim, no longo prazo, para cada um por cento de crescimento do PIB real, o valor real dos prêmios tende a crescer aproximadamente 1,2 pontos percentuais, efeito que não difere substancialmente das estimativas de elasticidade encontradas para outros países.²⁰ Em outras palavras, os serviços de seguro são um bem superior, no linguajar econômico. No tocante ao efeito da inflação, os impactos estimados neste relatório são positivos, o que conflita com evidências empíricas anteriores.²¹

Embora visualmente não aparente, a análise estatística revela ainda que, na média, os ciclos no mercado de seguro antecipam em dois anos os ciclos do PIB. Ou seja, a atividade do mercado de seguros serve como um indicador antecedente para os ciclos macroeconômicos de médio e longo prazos.²²

¹⁸ Decomposição dos ciclos obtida por análise espectral. A metodologia está descrita em CONTADOR e FERRAZ, "Previsão com Indicadores...", *op.cit.*, Cap. III.

¹⁹ Pelo teste de Granger, existe bi-causalidade entre o mercado de seguros e o PIB real. A explicação seria de que, por um lado, o crescimento do PIB real gera demanda por mais serviços de seguro, e de outro, o próprio crescimento do mercado de seguros reduz o risco da economia e impulsiona a formação de capital, uma vez que as seguradoras são por definição investidores institucionais. Nos ciclos de curto prazo, a atividade do mercado de seguros retarda-se a diversas variáveis macroeconômicas, o que permite construir sistemas de indicadores antecedentes para o setor. O tema específico de indicadores antecedentes aplicados no mercado brasileiro de seguros é examinado em CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. *Ciclos no mercado de seguros: revisão do sistema de indicadores antecedentes. Cadernos de Seguro*, v. 16, n. 82, p. 29-33, nov./dez. de 1996., e em CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B.; SILVA JÚNIOR, Luis Carlos A. da. *Ciclos econômicos e o mercado de seguros no Brasil: um estudo sobre previsão cíclica. Cadernos de Seguro*, v. 12, n.75, p.15-25, ago./set. de 1994.

²⁰ CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B.; AZEVEDO, Gustavo H.W. de. *Mercado de seguros, crescimento econômico e inflação: uma análise internacional*. In: CONTADOR, Claudio R. (org.). **Desafios e oportunidades do mercado de seguros: uma coletânea de estudos**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. Capítulo I. Deve ser observado que a elasticidade-renda foi estimada com quase um século de história. Análises empíricas para períodos mais recentes apontam elasticidades-renda bem maiores, viesadas para cima devido ao crescimento do mercado por fatores qualitativos.

²¹ Outros trabalhos encontraram uma associação negativa entre inflação e faturamento do mercado de seguros. As referências estão em CONTADOR; FERRAZ; SILVA JÚNIOR. "Ciclos econômicos..." *Op.cit.*, CONTADOR; FERRAZ. "Ciclos no mercado..." *Op.cit.* Igualmente, as evidências com dados mensais mostram que a inflação afeta negativamente o mercado de títulos de capitalização, conforme CONTADOR; FERRAZ, "Mercado de capitalização: o resgate da história..." *Op.cit.*

²² Entretanto, para os ciclos de curto prazo a atividade do mercado de seguros retarda-se a diversas variáveis macroeconômicas, o que permite construir sistemas de indicadores antecedentes para o setor. O tema específico de indicadores antecedentes aplicados no mercado brasileiro de seguros é examinado em CONTADOR; FERRAZ; SILVA JÚNIOR. "Ciclos econômicos..." *Op.cit.*, CONTADOR; FERRAZ. "Ciclos no mercado..." *Op.cit.*

Tabela 4 – Elasticidade de Resposta do Faturamento Real em Relação à Renda e Inflação

Variável Período	Prêmio de seguro 1905-2001	Receita de Capitalização 1935-2001
Renda :		
- Longo prazo	1,175	0,497
- Ciclo	0,463	0,283
Inflação :		
- Longo prazo	0,019	... ^a
- Ciclo	0,021	0,030

^a Não significante a 10 %.

A Figura 3 seguinte mostra a evolução do coeficiente de penetração dos dois mercados. A penetração do seguro apresenta sete períodos distintos. O primeiro corresponde a uma fase de expansão que perdura até o início da I Guerra Mundial. Nas duas décadas seguintes, até o começo da II Guerra Mundial, a penetração do seguro se mantém levemente crescente sem atingir os níveis do final do período anterior. Durante a II Guerra, a penetração do seguro cresce até 1945, quando o coeficiente tende novamente a decrescer gradualmente até o limiar da década de 70. No período do “milagre econômico” e restante da década de 70, encontramos nova tendência de crescimento da penetração do seguro, interrompida nos anos 80, marcados pela inflação elevada e pelos planos heterodoxos. Em 1990, emerge nova fase de crescimento do mercado, com penetração não vista anteriormente. Finalmente, o Plano Real restaura a estabilidade dos preços, mas não favoreceu ainda o mercado de seguros, como era imaginado.

Figura 3 - Penetração do Seguro e da Capitalização

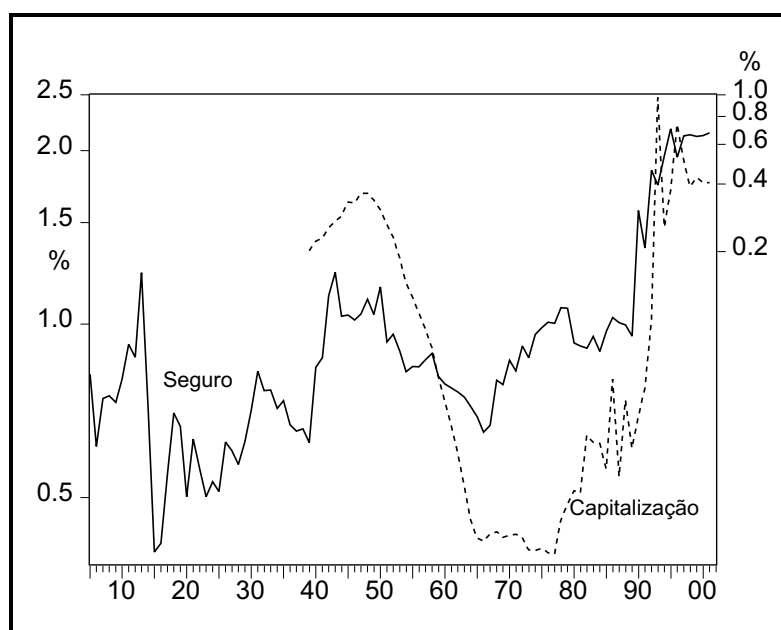


Figura 4 – Densidade do Seguro e da Capitalização, em R\$ de 2001

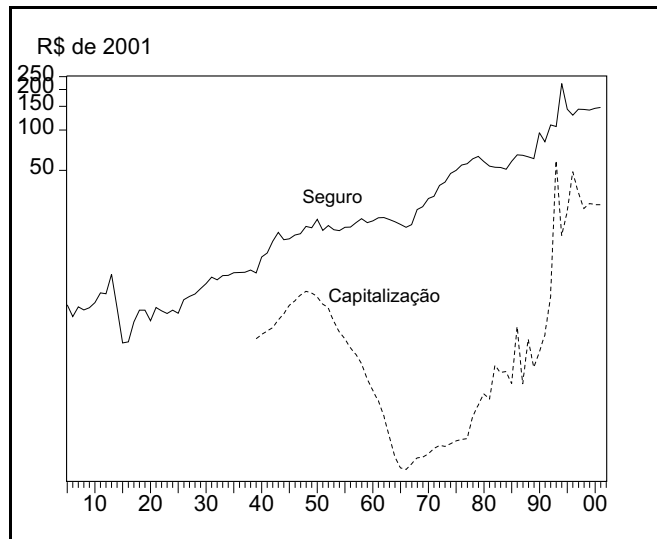


Figura 5 – O Mercado de Seguro: Prêmios e Reservas Técnicas

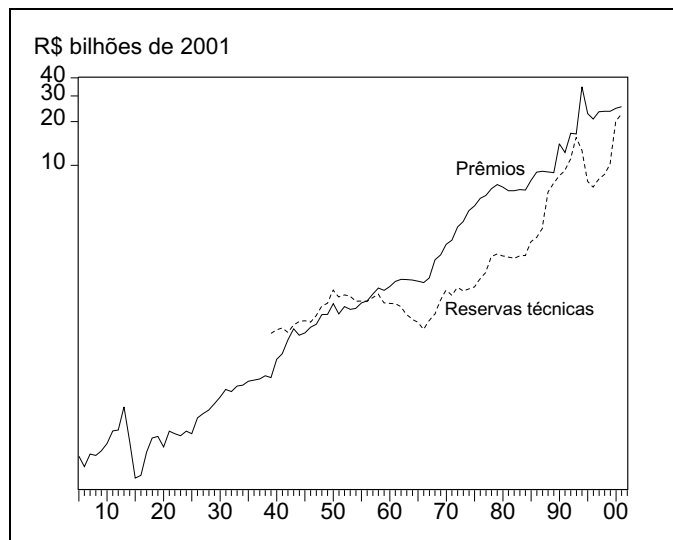
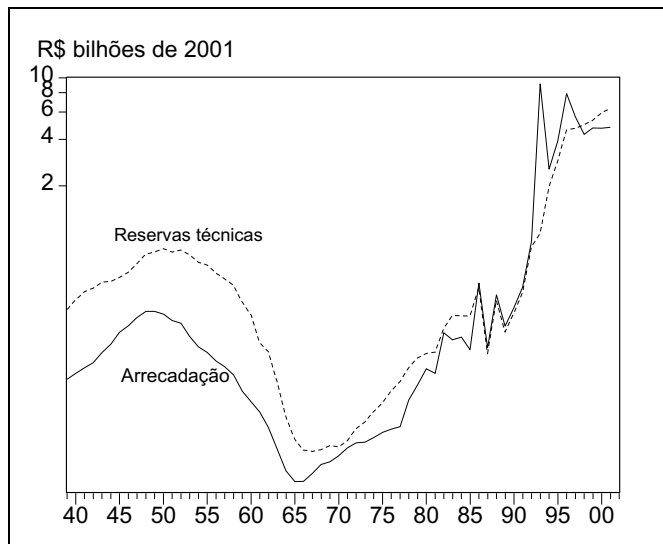


Figura 6 – O Mercado de Títulos de Capitalização: Prêmios e Reservas Técnicas



No tocante à decomposição histórica dos prêmios por ramos na Tabela 5, a análise reflete as mudanças observadas na economia. Como esperado, o ramo Auto cresce com a expansão do mercado de autoveículos, desde uma participação modesta nos anos 40 até os 30% observados atualmente. O seguro Incêndio, por sua vez, já foi relativamente mais importante do que hoje, e a queda ilustrada na figura retrata o fato de contratos passarem a ser registrados no ramo Riscos Diversos. O ramo Vida diminui até 1970, e se estabiliza em seguida. O crescimento do seguro Saúde merece considerações à parte. Os registros encontrados para o seguro Saúde datam de 1988, e desde então, foi o ramo que mais cresceu, decorrente da falência do setor público em prover os serviços de saúde a partir da segunda metade da década de 80. Atualmente o seguro Saúde é a segunda fonte dos prêmios (24%) contra praticamente zero a doze anos.

Tabela 5 - Decomposição do Prêmio Total, %

Itens	1930	1950	1960	1971	1980	1990	2001
Ramos :							
Vida	46,9	42,6	20,1	18,4	15,5	12,0	16,9
Não vida :	53,1	57,4	79,9	81,6	84,5	88,0	83,0
- Autoveículos	...	3,6	7,9	19,5	14,3	37,6	31,3
- Saúde	5,6	23,9
- Outros riscos	...	18,9	34,3	17,3	15,8	25,3	8,7
- Incêndio	42,1	22,0	26,0	24,3	23,9	1,7	5,8
- Acidentes Pessoais	1,5	2,9	3,8	7,2	6,6	3,8	3,2
- DPVAT	7,0	0,1	5,0
- Habitação	2,1	5,5	6,1	1,1
- Transporte	9,5	10,0	7,9	8,5	9,3	3,1	2,3
- Ramos diversos	2,6	2,2	3,7	1,5
R\$ milhões de 2001	334,8	1409,2	1773,9	3640,5	10294,3	15876,9	25328,3

Fonte : Anexos.

Ao contrário do mercado de seguros, cujo prêmio tem uma tendência crescente em todo o período, a receita do setor de capitalização passa por uma longa fase de contração, e só a partir dos anos 80 a sua taxa de crescimento supera a do setor de seguros. Ainda assim, em termos de densidade e de penetração, o mercado de capitalização é bem menor do que o do seguro. A receita total atingiu R\$ 4,8 bilhões em 2001, contra R\$ 25,3 bilhões dos prêmios de seguro. E a penetração é de apenas 0,4% do PIB, em comparação com os 2,1% do mercado de seguros.

O resumo da história da capitalização é reproduzido nas Figuras 1 a 4 e 6, onde podemos identificar diversas características. Primeiro, o mercado cresce até o final da década de quarenta e contrai-se em seguida, possivelmente em resposta ao crescimento da inflação numa época sem a proteção da correção monetária. Em 1964, a formalização da correção monetária estimulou o crescimento do mercado financeiro, sendo a caderneta de poupança a grande vedete do período. Em princípio, seria imaginado que a caderneta de poupança competisse com os títulos de capitalização. Porém, ainda assim, estes títulos reconquistam a atratividade e o mercado cresce, praticamente sem maiores percalços, com exceção das oscilações do período inflacionário e confuso de 1984-90.

Outra informação histórica importante é retratada pelos coeficientes de penetração – ou seja, a relação entre as receitas de capitalização e o Produto Interno Bruto – e de densidade – o valor da

receita per capita. Apesar do espantoso crescimento do mercado de capitalização após 1964, a sua participação no PIB e nos gastos per capita só seriam iguais ao pico do final da década de 40, no início da década de 90.

CONCLUSÕES

Este ensaio teve por objetivo resgatar a história do mercado de seguro desde 1905 e o de títulos de capitalização, desde 1935. Como fato alentador, constatamos durante a pesquisa, que é possível remontar as séries a períodos anteriores a estas datas, porém a um custo de pesquisa e de tempo mais elevado. Mas acreditamos que abrimos uma trilha para novas pesquisas e, possivelmente, para crítica dos nossos dados.

Os resultados da análise com os dados foram exploratórios, e apenas levantamos algumas questões que podem ser exploradas em pesquisas mais específicas. No geral, a cronologia das flutuações no mercado de seguros não difere substancialmente da observada na economia como um todo. A elasticidade-renda do faturamento real foi estimada em 1,2, dentro do intervalo de elasticidades estimadas por outros autores para o mercado de seguros de outros países. No particular, existe uma sugestão de que a causalidade entre o mercado de seguros e a macroeconomia opera nos dois sentidos, o que é extremamente interessante considerando o papel que as seguradoras, como investidores institucionais, podem exercer no crescimento econômico futuro. A desregulação e o ingresso de seguradoras internacionais tendem inclusive a potencializar este efeito.

O relatório mostrou também a evolução do mercado de títulos de capitalização. Sem esgotar o tema e a interpretação da história, os resultados examinaram as tendências gerais do setor. Apesar do crescimento elevado a partir da década de 90, com a taxa média anual de 38%, o mercado de capitalização é ainda modesto perante o de seguros. Tem, entretanto uma perspectiva favorável, se as companhias souberem explorar este filão e diferenciarem o produto das demais formas de formação de poupança.

Bibliografia

ALBERTI, Verena (Coord.). **Entre a solidariedade e o risco** : história do seguro privado no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/FUNENSEG, 1998.

CONSULTEC. **Macroconfiguração do seguro social e do seguro global no Brasil**. Rio de Janeiro: Consultec, 1993.

CONTADOR, Claudio R. **Crescimento econômico e inflação** : uma quantificação da história brasileira. Rio de Janeiro: 1984. (Relatório COPPEAD, 75).

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. **Macroeconomia e seguros**: a montagem de cenários estratégicos. Rio de Janeiro: Silcon, 1998. (Relatório SILCON, 33).

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. *Ciclos no mercado de seguros*: revisão do sistema de indicadores antecedentes. **Cadernos de Seguro**, v. 16, n. 82, p. 29-33, nov./dez. de 1996.

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B.; SILVA JÚNIOR, Luís Carlos A. da. *Ciclos econômicos e o mercado de seguros no Brasil*: um estudo sobre previsão cíclica. **Cadernos de Seguro**, v. 12, n.75, p.15-25, ago./set. de 1994.

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. **Previsão com indicadores antecedentes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Silcon, 2000.

CONTADOR, Claudio R. (org.) **Desafios e oportunidades do mercado de seguros**: uma coletânea de estudos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B.; AZEVEDO, Gustavo H.W. de. *Mercado de seguros, crescimento econômico e inflação*: uma análise internacional. In: CONTADOR, Claudio R. (org.). **Desafios e oportunidades do mercado de seguros**: uma coletânea de estudos. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. Capítulo I.

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. **Uma contribuição à história do seguro no Brasil**. Rio de Janeiro: Silcon, 1999. (Relatório SILCON, RS041).

CONTADOR, Claudio R.; FERRAZ, Clarisse B. **Mercado de capitalização**: o resgate da história e os cenários futuros. Rio de Janeiro: Silcon, 1999. (Relatório SILCON RS042).

CONTADOR, Claudio R. *O mercado de capitalização no Brasil: papel, desafios e futuro*, Conseguo. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE SEGUROS, RESSEGUROS, PREVIDÊNCIA PRIVADA E CAPITALIZAÇÃO. Rio de Janeiro: setembro de 2000.

COSTA, Ricardo César Rocha da. *A atividade de seguros nas primeiras décadas da República*. In: ALBERTI, Verena, coord. **Entre a solidariedade e o risco** : história do seguro privado no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/Funenseg, 1998.

GOLDSMITH, Raymond. **Brasil 1850-1984**: desenvolvimento financeiro sob um século de inflação. São Paulo: Harper & Row, 1986.

INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL. **Anuário de Seguros**. (Diversos números).

INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL. **Revista do IRB**. (Diversos números).

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. *Os anos de incerteza: redemocratização, globalização financeira e desregulação do setor de seguros privados (1985-98)*. ALBERTI, Verena, coord. **Entre a solidariedade e o risco** : história do seguro privado no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/Funenseg, 1998.

LEVY, Maria Bárbara. **História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IBMEC, 1977. p.406-407.

SANTOS, Amílcar. **Seguro**: doutrina, legislação e jurisprudência. Rio de Janeiro: Distribuidora Record Editora, 1959. p.22-28.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *Nacionalização e expansão: o mercado segurador brasileiro entre 1939 e 1963*. In: ALBERTI, Verena, coord. **Entre a solidariedade e o risco** : história do seguro privado no Brasil. Rio de Janeiro: FGV/Funenseg, 1998.

ESTATÍSTICAS MACROECONÔMICAS

Ano	Produto Interno Bruto		População milhões	Inflação %	Renda Per capita R\$ de 2001
	R\$ milhões de 2001	US\$ bilhões Correntes			
1905	12650	0,73	20,138	-10,4	611
1906	13227	1,29	20,802	21,9	625
1907	15062	1,24	21,490	-5,2	697
1908	13565	1,19	22,197	2,3	615
1909	14998	1,25	22,919	-1,8	666
1910	16093	1,47	23,652	4,3	700
1911	16150	1,54	24,391	2,2	688
1912	17870	1,77	25,132	7,6	745
1913	18153	1,61	25,872	-11,3	741
1914	18383	1,54	26,605	3,0	735
1915	18153	1,44	27,328	13,3	711
1916	18957	1,68	28,036	20,9	727
1917	19988	2,15	28,725	8,8	750
1918	20390	2,28	29,391	8,3	749
1919	21593	2,83	30,029	8,8	777
1920	23769	2,25	30,636	19,0	836
1921	24225	1,18	31,207	-15,3	837
1922	26117	1,36	31,747	9,1	884
1923	28350	1,52	32,260	30,1	940
1924	28749	1,84	32,750	11,0	934
1925	28749	2,46	33,221	18,4	916
1926	30239	2,47	33,679	-18,1	944
1927	33503	2,20	34,126	-2,2	1024
1928	37334	2,76	34,568	11,5	1119
1929	37739	2,70	35,009	-3,6	1108
1930	36929	2,14	35,453	-12,4	1063
1931	35746	1,20	35,904	-10,9	1008
1932	37266	1,24	36,368	1,6	1030
1933	40611	1,18	36,849	-2,0	1100
1934	44328	1,08	37,350	6,3	1176
1935	45645	0,87	37,876	4,8	1187
1936	51153	0,99	38,432	1,6	1303
1937	53484	1,20	39,022	9,4	1335
1938	55883	1,13	39,650	3,2	1367
1939	57268	1,10	40,321	2,0	1373
1940	56694	1,11	41,039	6,7	1331
1941	59527	1,29	41,811	10,2	1364
1942	59905	1,49	42,650	16,2	1341
1943	62825	1,88	43,559	16,6	1373
1944	67599	2,45	44,540	20,6	1443
1945	69763	2,91	45,592	14,9	1455
1946	77836	3,75	46,717	14,6	1585
1947	79467	4,25	47,915	9,0	1580
1948	85513	4,93	49,185	5,8	1661
1949	91249	5,75	50,528	9,3	1731

Ano	Produto Interno Bruto		População milhões	Inflação %	Renda Per capita R\$ de 2001
	R\$ milhões de 2001	US\$ bilhões Correntes			
1950	96985	15,10	51,942	9,6	1804
1951	102687	18,70	53,426	17,0	1854
1952	111790	21,90	54,981	8,0	1960
1953	114486	11,20	56,603	16,5	1949
1954	125942	11,60	58,291	24,7	2082
1955	134701	11,60	60,045	13,5	2162
1956	139080	14,70	61,861	22,3	2167
1957	150519	17,60	63,739	12,2	2277
1958	161974	12,80	65,675	15,6	2380
1959	171042	15,80	67,669	41,3	2440
1960	186877	17,90	69,717	25,6	2591
1961	206079	18,20	71,818	32,6	2778
1962	216864	20,00	73,969	52,2	2840
1963	220214	24,00	76,169	76,8	2803
1964	226637	21,70	78,414	90,4	2804
1965	232734	22,80	80,703	58,5	2798
1966	241441	28,50	83,033	41,9	2822
1967	253240	31,30	85,402	25,7	2883
1968	281510	34,10	87,807	25,2	3108
1969	309470	37,40	90,246	19,6	3320
1970	331622	42,60	92,716	19,8	3460
1971	369461	49,20	95,215	19,3	3773
1972	413606	58,80	97,741	19,9	4134
1973	471273	84,10	100,291	29,6	4618
1974	510175	110,40	102,861	34,5	4881
1975	536303	129,90	105,450	34,0	5025
1976	590856	154,00	108,054	41,3	5418
1977	619666	177,20	110,671	45,5	5561
1978	650521	201,20	113,297	38,2	5714
1979	694539	223,50	115,929	54,4	5971
1980	766642	237,80	121,611	90,1	6463
1981	734035	258,60	124,340	100,5	6056
1982	740164	271,30	127,065	101,0	5975
1983	718467	189,50	129,774	131,5	5676
1984	757265	189,70	132,458	201,7	5858
1985	816718	211,10	135,106	248,5	6188
1986	877888	257,80	137,710	149,2	6520
1987	908841	282,40	140,264	206,2	6621
1988	908289	305,70	142,764	628,0	6496
1989	937035	415,90	145,207	1304,4	6585
1990	897163	469,30	147,594	2734,2	6226
1991	906404	405,70	149,926	416,7	6191
1992	901509	387,30	152,227	969,0	6063
1993	945863	429,70	154,513	1996,2	6267
1994	1001196	543,10	156,775	2240,2	6538
1995	1043447	705,40	159,016	77,6	6718
1996	1071202	775,40	161,247	17,4	6802
1997	1106231	807,80	163,471	8,3	6930
1998	1108665	787,50	165,688	4,8	6852
1999	1117423	529,40	167,910	4,6	6816
2000	1167260	595,90	170,143	7,9	7027
2001	1184769	503,00	172,389	7,4	7044

Fontes: Para o PIB e inflação (Deflator Implícito): de 1905 a 1946; CONTADOR, "Crescimento econômico e inflação...", *Op.cit.*; após 1947, Fundação Getúlio Vargas e IBGE. Para a população, IBGE.

MERCADO DE SEGURO, VALORES EM R\$ MILHÕES DE 2001

Ano	Prêmio Total	Reservas Técnicas	Sinistros Retidos	Penetração % PIB	Densidade R\$ de 2001
1905	99	0,8	4,9
1906	100	0,7	4,8
1907	116	0,8	5,4
1908	108	0,8	4,9
1909	115	0,8	5,0
1910	132	0,9	5,6
1911	154	0,9	6,3
1912	168	1,0	6,7
1913	243	1,4	9,4
1914	166	0,9	6,2
1915	93	0,5	3,4
1916	97	0,5	3,5
1917	141	0,7	4,9
1918	175	0,9	6,0
1919	180	0,9	6,0
1920	153	0,7	5,0
1921	196	0,8	6,3
1922	188	0,7	5,9
1923	182	0,7	5,6
1924	196	0,7	6,0
1925	188	0,7	5,7
1926	241	0,8	7,2
1927	258	0,8	7,6
1928	273	0,7	7,9
1929	302	...	87	0,8	8,6
1930	335	...	113	0,9	9,4
1931	379	...	104	1,1	10,6
1932	366	...	87	1,0	10,1
1933	402	...	110	1,0	10,9
1934	408	...	104	0,9	10,9
1935	432	...	86	1,0	11,4
1936	440	...	102	0,9	11,4
1937	447	...	101	0,9	11,5
1938	471	...	113	0,9	11,9
1939	458	918	124	0,8	11,4
1940	617	974	214	1,1	15,0
1941	668	1002	225	1,1	16,0
1942	833	937	298	1,5	19,5
1943	987	1045	360	1,6	22,7
1944	891	1108	301	1,3	20,0
1945	934	1132	321	1,4	20,5
1946	1000	1083	382	1,3	21,4
1947	1024	1174	359	1,3	21,4
1948	1175	1340	366	1,4	23,9
1949	1205	1438	398	1,3	23,9

Ano	Prêmio Total	Reservas Técnicas	Sinistros Retidos	Penetração % PIB	Densidade R\$ de 2001
1950	1409	1742	411	1,5	27,1
1951	1212	1579	521	1,2	22,7
1952	1308	1569	469	1,2	23,8
1953	1263	1551	462	1,1	22,3
1954	1259	1411	500	1,0	21,6
1955	1339	1381	455	1,0	22,3
1956	1413	1405	454	1,0	22,8
1957	1541	1460	541	1,0	24,2
1958	1743	1577	648	1,1	26,5
1959	1721	1412	595	1,0	25,4
1960	1774	1359	635	0,9	25,4
1961	1870	1313	703	0,9	26,0
1962	1943	1247	769	0,9	26,3
1963	1942	1112	722	0,9	25,5
1964	1924	1035	641	0,8	24,5
1965	1928	1000	720	0,8	23,9
1966	1920	921	742	0,8	23,1
1967	2030	1036	815	0,8	23,8
1968	2722	1155	1082	1,0	31,0
1969	2908	1428	1378	0,9	32,2
1970	3433	1656	1483	1,0	37,0
1971	3641	1523	1912	1,0	38,2
1972	4599	1757	2021	1,1	47,0
1973	5640	1881	2374	1,2	56,2
1974	7004	2027	2854	1,4	68,1
1975	7919	2199	3274	1,5	75,1
1976	8896	2495	3114	1,5	82,3
1977	9487	2814	3516	1,5	85,7
1978	10583	3617	4074	1,6	93,4
1979	11285	3770	4488	1,6	97,3
1980	10294	3462	3574	1,3	84,6
1981	9296	3251	3328	1,3	74,8
1982	9561	3267	3595	1,3	75,2
1983	8848	3090	3532	1,2	68,2
1984	8295	2936	3235	1,1	62,6
1985	10351	3925	4039	1,3	76,6
1986	12085	4289	4840	1,4	87,8
1987	11554	4652	5302	1,3	82,4
1988	10616	7705	7072	1,2	74,4
1989	10452	8828	7454	1,1	72,0
1990	15877	9564	6672	1,8	107,6
1991	14759	11150	6763	1,6	98,4
1992	19169	12799	10539	2,1	125,9
1993	18018	17080	10093	1,9	116,6
1994	35570	13029	12426	3,6	226,9
1995	24636	8414	11811	2,4	154,9
1996	23858	8138	14006	2,2	148,0
1997	26914	9249	15954	2,4	164,6
1998	27315	10082	16776	2,5	164,9
1999	25714	11120	15641	2,3	153,1
2000	25564	20740	14819	2,2	150,2
2001	25328	22458	13814	2,1	146,9

Fontes: De 1905 até 1928, dados de prêmio total obtidos indiretamente a partir do estudo da CONSULTEC, *Op.cit.*; dados do período da I Guerra Mundial (1914-1918) obtidos por interpolação; de 1929 a 1993, Anuário de Seguros do IRB, SILCON, e FENASEG; após 1994, SUSEP.

MERCADO DE TÍTULOS DE CAPITALIZAÇÃO, VALORES EM R\$ MILHÕES DE 2001

Ano	Prêmio Total	Reservas Técnicas	Penetração % PIB	Densidade R\$ de 2001
1935	94	167	0,21	4,4
1936	118	227	0,23	5,9
1937	132	276	0,25	7,1
1938	124	343	0,22	8,7
1939	148	417	0,26	10,4
1940	162	484	0,29	11,8
1941	176	534	0,30	12,8
1942	190	564	0,32	13,2
1943	219	612	0,35	14,0
1944	250	616	0,37	13,8
1945	298	669	0,43	14,7
1946	323	706	0,41	15,1
1947	357	784	0,45	16,4
1948	387	890	0,45	18,1
1949	394	939	0,43	18,6
1950	372	966	0,38	18,6
1951	341	934	0,33	17,5
1952	317	930	0,28	16,9
1953	263	877	0,23	15,5
1954	221	767	0,18	13,2
1955	199	719	0,15	12,0
1956	179	649	0,13	10,5
1957	174	611	0,12	9,6
1958	146	533	0,09	8,1
1959	113	419	0,07	6,2
1960	97	347	0,05	5,0
1961	81	274	0,04	3,8
1962	65	198	0,03	2,7
1963	47	127	0,02	1,7
1964	34	76	0,02	1,0
1965	29	55	0,01	0,7
1966	30	48	0,01	0,6
1967	34	46	0,01	0,5
1968	38	48	0,01	0,5
1969	40	50	0,01	0,6
1970	43	49	0,01	0,5
1971	48	54	0,01	0,6
1972	53	65	0,01	0,7
1973	61	82	0,01	0,8
1974	68	100	0,01	1,0
1975	77	119	0,01	1,1
1976	81	140	0,01	1,3
1977	85	167	0,01	1,5
1978	126	205	0,02	1,8
1979	159	237	0,02	2,0

Ano	Prêmio Total	Reservas Técnicas	Penetração % PIB	Densidade R\$ de 2001
1980	191	240	0,02	2,0
1981	171	234	0,02	1,9
1982	320	368	0,04	2,9
1983	263	377	0,04	2,9
1984	189	350	0,02	2,6
1985	229	378	0,03	2,8
1986	224	348	0,03	2,5
1987	275	419	0,03	3,0
1988	292	462	0,03	3,2
1989	357	542	0,04	3,7
1990	493	671	0,05	4,5
1991	694	1077	0,08	7,2
1992	1211	1982	0,13	13,0
1993	3649	3315	0,39	21,5
1994	2621	2008	0,26	12,8
1995	4223	3139	0,40	19,7
1996	9057	5277	0,85	32,7
1997	6468	5414	0,58	33,1
1998	5005	5756	0,45	34,7
1999	5175	5793	0,46	34,5
2000	4883	6160	0,42	36,2
2001	4766	6315	0,40	36,6

Fontes: de 1935 a 1985, Anuário de Seguros do IRB e SILCON; de 1986 a 1989, estimado por amostragem; de 1990 a 1992, Boletim da Gazeta Mercantil; de 1993 a 1995, FENASEG; após 1996, SUSEP.

Anexo 4a

MERCADO DE SEGURO, COMPOSIÇÃO DOS RAMOS NO PRÊMIO TOTAL, %

Ano	Auto	Vida	Saúde	Ramos Diversos	Incêndio
1929	...	47,8	39,0
1930	...	46,9	42,1
1931	...	48,4	41,0
1932	...	47,5	41,8
1933	...	48,9	40,0
1934	...	49,4	39,4
1935	...	48,1	39,0
1936	...	43,7	42,0
1937	...	43,8	41,5
1938	...	43,5	42,5
1939	...	49,8	36,9
1940	...	36,8	29,6
1941	...	34,6	30,2
1942	1,3	25,7	24,3
1943	0,9	21,9	24,2
1944	1,1	25,9	28,7
1945	1,5	27,5	29,2
1946	2,3	26,4	27,8
1947	3,4	27,1	27,7
1948	4,1	32,1	24,9
1949	3,9	33,4	26,8
1950	3,6	42,6	22,0
1951	5,5	27,1	27,6
1952	6,1	26,0	30,2
1953	5,6	27,3	30,5
1954	5,5	26,6	31,0
1955	5,8	25,8	32,1
1956	5,7	24,7	30,2
1957	5,8	24,1	28,2
1958	6,8	24,0	27,4
1959	7,0	21,1	26,6
1960	7,9	20,1	26,0
1961	7,7	16,8	24,5
1962	8,9	16,4	23,6
1963	10,3	14,0	23,2
1964	11,5	13,1	23,2
1965	12,0	14,2	23,7
1966	11,4	15,7	23,6
1967	13,7	17,6	22,8
1968	12,1	14,3	20,1
1969	17,7	16,5	...	4,4	23,8

Ano	Auto	Vida	Saúde	Ramos Diversos	Incêndio
1970	21,6	17,8	...	4,6	23,9
1971	19,5	18,4	...	2,6	24,3
1972	20,8	16,8	...	4,2	24,3
1973	18,9	17,9	...	3,3	24,6
1974	16,9	16,0	...	2,8	25,6
1975	18,2	16,1	...	2,9	26,5
1976	15,4	14,8	...	2,7	24,4
1977	14,4	14,8	0,02	2,7	25,0
1978	16,5	14,9	0,04	2,2	23,9
1979	15,3	16,0	0,03	2,1	22,7
1980	14,3	15,4	0,04	2,2	23,8
1981	13,5	16,2	0,1	2,7	24,7
1982	14,7	16,8	0,2	2,9	23,0
1983	16,4	15,3	0,4	2,6	22,1
1984	16,9	13,1	2,0	2,9	22,3
1985	21,3	12,1	2,8	2,5	21,4
1986	21,5	14,9	3,0	2,0	18,5
1987	27,4	14,4	2,8	2,0	19,7
1988	27,3	11,7	3,7	2,0	18,4
1989	36,4	9,7	4,5	4,0	15,8
1990	34,7	11,1	5,2	3,4	1,6
1991	33,8	13,9	10,8	5,4	15,1
1992	27,9	10,2	14,2	5,2	9,0
1993	28,8	34,6	46,7	26,9	19,2
1994	39,7	12,6	15,0	9,1	3,6
1995	35,6	17,1	15,3	8,4	3,8
1996	30,4	18,7	20,0	7,1	4,4
1997	31,4	18,1	21,6	6,2	4,3
1998	34,0	17,9	22,1	2,4	4,8
1999	31,0	17,3	24,2	1,8	5,1
2000	31,8	17,0	24,8	1,5	5,2
2001	31,3	16,9	23,9	1,6	5,8

Fontes: De 1905 até 1928, dados de prêmio total obtidos indiretamente a partir do estudo da CONSULTEC, *Op.cit.*; dados do período da I Guerra Mundial (1914-1918) obtidos por interpolação; de 1929 a 1993, Anuário de Seguros do IRB, SILCON, e FENASEG; após 1994, SUSEP.

Anexo 4b

MERCADO DE SEGURO, COMPOSIÇÃO DOS RAMOS NO PRÊMIO TOTAL, %

Ano	Ac. Pessoais	DPVAT	Habitação	Transportes	Diversos
1929	1,2	12,0	...
1930	1,5	9,5	...
1931	1,0	9,5	...
1932	1,2	9,5	...
1933	1,2	9,9	...
1934	1,6	9,7	...
1935	1,9	11,0	...
1936	1,9	12,4	...
1937	2,3	12,4	...
1938	2,4	11,6	...
1939	2,9	10,5	...
1940	2,2	9,0	22,4
1941	2,2	10,3	22,8
1942	1,6	12,2	34,9
1943	1,7	12,0	39,3
1944	1,9	16,6	25,8
1945	2,2	17,1	22,4
1946	2,7	17,8	23,0
1947	2,6	15,5	23,6
1948	2,7	13,0	23,2
1949	3,2	11,9	20,7
1950	2,9	10,0	18,9
1951	3,8	13,7	22,3
1952	4,1	10,7	22,9
1953	5,5	11,0	20,0
1954	2,9	11,9	22,1
1955	2,6	11,4	22,3
1956	3,3	10,9	25,2
1957	3,4	9,1	29,3
1958	3,4	8,3	30,2
1959	3,6	7,9	34,0
1960	3,8	7,9	34,3
1961	3,7	7,3	40,0
1962	3,4	6,8	41,0
1963	3,5	5,8	43,1
1964	3,4	6,1	42,7
1965	4,1	5,5	40,6
1966	4,7	5,7	38,9
1967	5,7	5,2	35,0
1968	5,0	4,6	44,0
1969	5,9	5,4	29,0

Ano	Ac. Pessoais	DPVAT	Habitação	Transportes	Diversos
1970	6,9	6,4	18,8
1971	7,2	...	2,1	8,5	17,3
1972	7,5	...	2,2	8,8	15,5
1973	7,9	...	2,8	8,9	15,7
1974	7,3	...	3,6	11,1	14,3
1975	7,5	...	4,4	10,5	13,8
1976	7,0	8,6	4,7	9,6	12,8
1977	7,1	8,7	5,2	8,8	12,6
1978	6,9	7,8	6,2	8,3	12,8
1979	6,6	8,1	5,7	8,9	14,3
1980	6,5	6,9	5,4	9,3	15,7
1981	6,6	6,0	5,7	7,2	16,9
1982	6,5	5,6	6,7	6,8	16,8
1983	5,9	5,4	6,9	6,2	18,8
1984	5,0	4,6	7,2	5,9	25,6
1985	4,6	4,7	6,6	5,6	22,8
1986	6,9	2,3	5,4	5,9	21,8
1987	5,7	1,3	3,6	5,7	19,9
1988	4,1	2,6	4,0	2,6	23,7
1989	3,8	1,2	3,7	4,9	15,9
1990	3,5	0,8	5,7	2,9	23,4
1991	3,7	0,5	6,2	3,4	9,2
1992	2,1	1,3	5,2	2,5	7,3
1993	6,6	4,2	9,8	9,7	19,1
1994	2,6	3,7	4,0	2,5	7,2
1995	3,2	3,5	4,9	2,6	5,7
1996	3,0	3,6	5,4	2,3	5,0
1997	2,8	3,8	5,0	2,1	4,7
1998	2,9	3,9	5,5	1,9	4,5
1999	3,0	5,1	5,1	2,2	5,1
2000	3,0	5,1	3,9	2,1	5,5
2001	3,2	5,1	1,1	2,3	8,7

Fontes: De 1905 até 1928, dados de prêmio total obtidos indiretamente a partir do estudo da CONSULTEC, *Op.cit.*; dados do período da I Guerra Mundial (1914-1918) obtidos por interpolação; de 1929 a 1993, Anuário de Seguros do IRB, SILCON, e FENASEG; após 1994, SUSEP.

Outros Títulos da série

“A Utilização de Derivativos na Composição das Reservas Técnicas de Seguradoras, Empresas de Previdência Privada e de Capitalização”, de José L. Carvalho – nº 1;

“Estimativa de Mortalidade para a População Coberta pelos Seguros Privados: Estatística e Comparação com Tábuas do Mercado”, de Kaizô Iwakami Beltrão e Sonoe Sugahara Pinheiro – nº 2;

“Os Princípios do Direito Securitário”, de Frank Larrúbia Shih – nº 3;

“Seguro de Responsabilidade Civil: Questões Controvertidas”, de Flávia Reis Pagnozzi – nº 4;

“Penetração do Seguro e Preço de Apólices”, de Claudio R. Contador e Clarisse B. Ferraz - nº 5;

Todos os títulos podem ser acessados e impressos através do link “publicações/
livros técnicos” da página da Funenseg na internet: www.funenseg.org.br.

PODE ENTRAR QUE A PÁGINA É SUA!

A Funenseg tem o orgulho de colocar à disposição do Mercado seu novo site. Totalmente reformulado, o portal tem tudo que você precisa saber sobre o ensino, a divulgação e o conhecimento do Seguro.

As imagens abaixo não deixam dúvidas: o site veio pra consolidar a posição de destaque que a Fundação ocupa no ranking dos endereços mais visitados da web sobre Seguro.



www.funenseg.org.br

Mais informações sobre Seguros

Ainda mais completo, com novos produtos e serviços

Projeto gráfico esteticamente apurado e atraente

Navegação simples, rápida e objetiva

**ACESSE AGORA E NAVEGUE NAS PÁGINAS DO NOVO SITE DA FUNENSEG,
A ESCOLA DE SEGUROS DO BRASIL!**



FUNENSEG
FUNDAÇÃO ESCOLA
NACIONAL DE SEGUROS